

# RUNA

*(em português na segunda página / in portuguese in the second page)*



## **“Octopus” Collection:**

Painted between 2010 and today. Some paintings have already been exhibited, the new ones will be presented in future exhibitions.

And no, these are not famous delicacies and culinary delights. But "Octopus" by his arms representing involvement and affective ties. Arms that embrace us, that involve us, or that push and pull us away.

The octopus has eight arms, however in Runa's paintings they can have twelve. Five. Or just one. They can represent strong ties or loose ties. Resignation, abandonment, give-up. Or extreme union and affection.

It is a collection in permanent construction, we can say, to which the painter has dedicated herself in recent years, and is expected to continue in the coming years, due to the theme that is so pricey today - days of growing indifference among people, where bonds come and go at the speed of the internet, in a tendency to fade quickly or not even emerge.

## **“Marilyn Manson” Collection:**

Painted between 2005 and 2010, in a total of 23 paintings. Each canvas triggers a sentence, a word, a concept - based on the repertoire of Marilyn Manson, an artist famous for his controversial style. It is a summary, a concentration of ideas or ideals, here taken from their natural context, music, and transplanted into painting. A collection of paintings aimed at representing their own images and demonstrating a point of view. Sex, love, violence, pride, contempt, true and false. The truth and the lie. Reality and appearance. The world we live in and the world we see. What we intend to see. Or what we don't intend to see. It is not aimed to win fans, it is not a cause to defend. It is a point of view. An acknowledgement. Exist. It is. We are.



## **Coleção “Polvo”:**

Pintada entre 2010 e a atualidade. Alguns quadros já foram expostos, os novos irão sendo apresentados em exposições futuras.

E não, não se trata de famosas iguarias e delícias culinárias. Mas sim “Polvo” pelos seus braços representando o envolvimento e os laços afetivos. Braços que nos abraçam, que nos envolvem, ou que nos empurram e afastam.

O polvo tem oito braços, no entanto nos quadros de Runa podem ter doze. Cinco. Ou apenas um. Podem representar laços fortes ou laços frouxos. Renúncia, abandono, desistência. Ou a união e a afeição extremas.

É uma coleção em permanente construção, podemos dizê-lo, à qual a pintora se dedica nos últimos anos, e com previsão de continuar nos próximos, pelo tema que é tão caro nos nossos dias – dias de crescente indiferença entre as pessoas, onde os laços vêm e vão à velocidade da internet, numa tendência para se esvaírem rapidamente ou nem chegarem sequer a surgir.

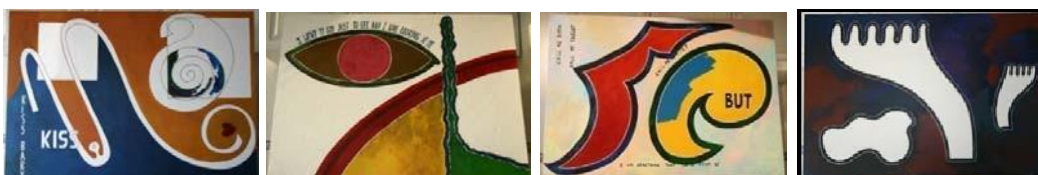
## **Coleção “Marilyn Manson”**

### ***Sinopse***

Pintada entre 2005 e 2010, num total de 23 quadros. Cada quadro dispara uma sentença, uma palavra, um conceito - baseados no repertório de Marilyn Manson, artista famoso pelo seu estilo controverso. Trata-se de um resumo, de uma concentração de ideias ou ideais, aqui retirados do seu contexto natural, a música, e transplantados para a pintura. Uma coleção de quadros que visa a representação de imagens próprias e a demonstração de um ponto de vista. Sexo, amor, violência, orgulho, desprezo, verdadeiro e falso. A verdade e a mentira. A realidade e a aparência. O mundo em que vivemos e o mundo que vemos. O que pretendemos ver. Ou o que não pretendemos ver. Não se visa conquistar adeptos, não se trata de nenhuma causa a defender. É um ponto de vista. Uma constatação. Existe. É. Somos.

### **[Folheto de Sala]**

#### **Point of View – Marilyn Manson**



Não se pretende conquistar adeptos, não se trata de nenhuma causa a defender. É um ponto de vista. Uma constatação. Existe. É.

Somos.

Sexo, amor, violência, orgulho, desprezo, verdadeiro e falso. A verdade e a mentira. A realidade e a aparência. O mundo em que vivemos e o mundo que vemos. O que pretendemos ver. Ou o que não pretendemos ver.

Cada quadro dispara uma sentença, uma palavra, um conceito - baseados no repertório de Marilyn Manson, artista famoso pelo seu estilo controverso. Trata-se de um resumo, de uma concentração de ideias ou ideais, aqui retirados do seu contexto natural, a música, e transplantados para a pintura. Uma coleção de quadros que visa a representação de imagens próprias e a demonstração de um ponto de vista. Poderia ser verde. Azul. Preto. Porém é vermelho. E às vezes branco.

Um mundo à margem das regras pré-definidas, regras não exteriores mas interiores, as regras do eu face ao vós e ao nós, as leis ditadas pela consciência – a maior parte das vezes pela inconsciência – tudo aqui é posto em causa. Avança-se para um tirocinio hiperconsciente, como num terreno estratificado, adubado até à excruciação da mente, libertando-a de todo e qualquer excesso. E voltamos ao ponto zero. O bom e o mau claramente à vista, sem desenganos. O que era bom é mau, o que era mau é agora bom: “I’m not attached to your world”<sup>1</sup>. “Pseudo morals work real well on the talk shows for the weak”<sup>2</sup>.

Eis a essência e o ponto de partida para toda uma análise do nosso mundo, da nossa forma de viver, da nossa relação connosco próprios e com o outro. “I saw that pregnant girl today. She didn’t know that it was dead inside, even though it was alive. Some of us are really born to die”<sup>3</sup>.

O impacto violento das palavras transporta-nos para a realidade sáfara do ser e do estar. Teremos de deixar-nos levar por um solipsismo arreigado – “When i said we, you know i meant me”<sup>4</sup> - para identificar este ponto de vista? Seja. “You are what you should fear”<sup>5</sup>. “What you won’t do, i will”<sup>6</sup>. E então é-se projectado para a outra realidade, a do eu face à sociedade. A sua vivência em conjunto. Tudo é agora questionável: como é essa relação? E quais as acções daí advindas?

Ou seja, como é vista a sociedade contemporânea? “This was never my world, you took the angel away, i’d kill myself to make everybody pay.”<sup>7</sup>

As novas formas de violência - crescente, o terrorismo, a fome, os fundamentalismos religiosos, o racismo e a discriminação, a destruição do ambiente, o consumismo

desenfreado, a corrida não se sabe para onde. “Sell all the living for a more safer dead”<sup>8</sup>. “The boy that you loved is the man that you fear”<sup>9</sup>.

Os media e as massas: “If you die when there’s no one watching, then your ratings drop and you’re forgotten. But if they kill you on their TV, you’re a martyr and a lamb of god.”<sup>10</sup>

A religião: “God is just a statistic, god is a number you cannot count to.”<sup>11</sup>

O ambiente: “We are dead and tomorrow’s canceled because of things we did yesterday.”<sup>12</sup> A própria evolução do homem: “Monkey. Man. Gun.”<sup>13</sup>



Chegamos a outra etapa da estratificação. A dos vários eus individuais. “I’m not a slave to a world it doesn’t give a shit”<sup>14</sup>. “Sometimes i feel so worthless, sometimes i feel discarded. I wish that i was good enough, then i’d know that i am not alone”<sup>15</sup>.

Se por um lado há esta desistência: “I’m just a pitiful anonymous”<sup>16</sup>, “Nothing is gonna change the world”<sup>17</sup>; por outro lado há a reação também: “Fight! Fight! Fight!”<sup>18</sup>

A demarcação do eu. A demarcação e a rebelião de milhões de eus pelo mundo fora. O crescendo da violência acompanhado da tomada de consciência.

“The time has come for bitter things.”<sup>19</sup>

E assim vamos respondendo à pergunta: como se desenvolve a nossa sociedade? A violência crescente, o terrorismo, a fome, o racismo e a discriminação, o consumismo desenfreado, a corrida não se sabe para onde. A perda de identidade. A poluição dos rios e dos mares. O aquecimento global. O esgotamento dos recursos e o crescimento demográfico.

“The anguish in my eyes.”<sup>20</sup>

“You didn’t handle with care, it’s broken and bleeding, we can never repair.”<sup>21</sup>

Teremos de facto motivos para sorrir? “We light a candle on a earth we made into hell, and pretend that we’re in heaven”.<sup>22</sup>

Teremos motivos para ver o mundo passar e continuarmos ocupados com as questões mundanas de quem nasceu apenas para morrer? “The only smiling are you dolls that i made, but you are plastic, and so are your brains.”<sup>23</sup>

Não.

“Stand up and admit.”<sup>24</sup>

“Perpetual rebellion with absolutely no cause”<sup>25</sup>. “I’m not a puppet, I am a grenade”<sup>26</sup>.

O desafiar das regras. A provocação. “I memorize the words to the porno movies, this is a new religion to me.”<sup>27</sup>

“We’re the worms in your apple pie”<sup>28</sup>. “Use your fist and not your mouth”<sup>29</sup>. “Call me bitch, call me faggot, call me whitey, but I am something that you’ll never be”<sup>30</sup>.

A libertação.

“Then I got my wings.”<sup>31</sup>

Point of View.

Não se pretende conquistar adeptos, não se trata de nenhuma causa a defender. É um ponto de vista. Uma constatação. Existe. É.

Somos.

---

<sup>1</sup> Não estou ligado ao vosso mundo.

<sup>2</sup> Pseudo-morais resultam bem nos talk shows para os fracos.

<sup>3</sup> Vi hoje aquela rapariga grávida. Ela não sabia que já estava morto dentro, embora estivesse vivo. Alguns de nós nascem realmente para morrer.

<sup>4</sup> Quando eu disse nós, sabes que significava eu.

<sup>5</sup> Tu próprio é o que deves temer.

<sup>6</sup> O que não fizeres, faço eu.

<sup>7</sup> Este nunca foi o meu mundo, levaste o anjo, matar-me-ia para que todos pagassem.

<sup>8</sup> Vender todos os vivos para uma morte mais segura.

<sup>9</sup> O rapaz que amaste é o homem que temes.

<sup>10</sup> Se morreres quando ninguém está a ver, então as tuas audiências caem e és esquecido. Mas se eles te matam na sua televisão, então és um mártir e um cordeiro de deus.

<sup>11</sup> Deus é apenas uma estatística, deus é um número com o qual não podemos contar.

<sup>12</sup> Estamos mortos, e o amanhã cancelado, devido às coisas que fizemos ontem.

<sup>13</sup> Macaco. Homem. Arma.

<sup>14</sup> Não sou escravo de um mundo que se está nas tintas.

<sup>15</sup> Por vezes sinto-me tão sem valor, por vezes sinto-me tão abandonado. Gostaria de ser suficientemente bom, então saberia que não estou só.

<sup>16</sup> Sou apenas um lastimável anónimo.

<sup>17</sup> Nada vai mudar o mundo.

<sup>18</sup> Luta! Luta! Luta!

<sup>19</sup> Chegou o tempo de coisas amargas.

<sup>20</sup> A angústia nos meus olhos.

<sup>21</sup> Não trataste com cuidado, está quebrado e a sangrar, nunca poderemos reparar.

<sup>22</sup> Acendemos uma vela numa terra que transformámos num inferno, e fingimos que estamos no céu.

<sup>23</sup> O único sorriso é o vosso, bonecas que eu fiz, mas vocês são de plástico, e o vosso cérebro também.

<sup>24</sup> Levanta-te e admite.

<sup>25</sup> Rebelião perpétua, sem absolutamente nenhuma causa.

<sup>26</sup> Não sou um fantoche, sou uma granada.

<sup>27</sup> Memorizo as palavras dos filmes porno, esta é uma nova religião para mim.

<sup>28</sup> Somos os vermes na tua tarte de maçã.

<sup>29</sup> Usa o punho e não a boca.

<sup>30</sup> Chama-me cabra, chama-me maricas, chama-me branquinho, mas eu sou algo que tu nunca serás.

<sup>31</sup> Então ganhei as minhas asas.

*Extractos retirados de músicas dos vários álbuns de Marilyn Manson.*